

O poder discursivo na sexualidade

A relação de poder e a construção do sujeito nos discursos da idade média/confessionário e da contemporaneidade/chats

Simone Ravazzoli*

Índice

1 O ato de confessar e a relação de poder entre os sujeitos	3
2 O novo olhar	4
3 A presença feminina	5
4 Referências	6

Desde a época clássica, as sociedades e as instituições preocupam-se em traduzir a sexualidade humana através da palavra. Gestos, atitudes, desejos, pensamentos, tudo deve ser transformado em discurso para, desta forma, ser confessado: na Igreja, no divã, na consulta médica.

O ato de confessar, e sua relação de poder, alimenta-se principalmente dos discursos sobre sexo e sexualidade, desde os confessionários, na idade média, às salas de chat da modernidade tecnológica. Em comum, o lugar institucionalizado, aceito, para se falar de sexo, para confessar o inconfessável. A predominância do discurso em primeira pessoa, o interesse nos detalhes, o questionamento. A possibilidade de, através do discurso, ultrapassar a linha divisória do lícito/ilícito. A entrega.

Os discursos do confessionário - pertencentes à formação discursiva religiosa da Igreja Católica - e os discursos nos chats da Internet têm, em comum, a instigante possibilidade de o ser humano trabalhar e se relacionar com o desconhecido, através da metafísica e da virtualidade. E esse, talvez, seja um dos principais motivos para explicar sua força de atração como instância discursiva. Os confessionários mantêm-se atuais através dos séculos. Os chats atraem diariamente milhares de internautas em suas salas onde o tema é sexo. Outro ponto característico é a forte relação de poder existente entre os agentes enunciadore, que se revezam como sujeitos falantes. Não há, nessa relação, a imagem distorcida que alguns autores pregam ao processo de comunicação verbal, com um sujeito na função de locutor e o outro como um ouvinte passivo. Os enunciados sempre refletem a influência do destinatário e de sua resposta. E essa influência é que vai determinar a relação de poder existente entre os dois agentes.

Em ambos espaços discursivos, característicos da entrega, pode-se encontrar a resistência nos momentos de auto-afirmação e medo. Resistência que se apresenta desde a aceitação do jogo pelo anonimato, quando não é possível o outro descobrir quem eu sou

*Jornalista e mestrandia em comunicação na Universidade de Brasília.

sem a minha autorização, ou mesmo nos momentos extremos em que me arrisco a uma ruptura: através de uma mentirinha ou um pequeno detalhe oculto no confessionário, ou o abandono do parceiro na sala de chat.

Apesar da influência dos sujeitos na relação e da resistência que eles possam exercer, esses agentes acabam perpetuando discursos sem personalidade discursiva. Os sujeitos virtuais utilizam-se do discurso pornográfico, sem adereços, preocupados em manter a conversação, o contato. O objetivo é, através da função fática, estimular e prender o outro o maior tempo possível na sala, concordando com o jogo e aceitando os seus comentários. No confessionário, os discursos perpetuados sobre sexo são os tradicionais discursos católicos, demarcadores das identidades e dos papéis sociais, carregados de intertextualidade. Com a legitimação do discurso parafrástico - pela mistura constante de falas da intertextualidade - a prática discursiva é considerada não criativa. Nessa instância do religioso, os agentes também não são sujeitos absolutos: falam pela instituição, pelos dogmas, pela bíblia, pela ideologia e por todos os conceitos tradicionais naturalizados. De um lado, o representante de Deus, com todo o poder que existe nessa representação: ele pode punir, perdoar, mensurar e fazer pagar pelos pecados. Ao mesmo tempo, o confessor precisa manter o diálogo, instigar o outro a falar sobre seus deslizes e pensamentos. E assim, a relação de poder se inverte: o fiel decide - apesar da ameaça e da possibilidade de pecado - sobre a faculdade de ocultar, de silenciar. No discurso virtual sobre sexo, a relação de poder também se alterna constantemente. Um quer tirar do outro os detalhes da intimidade alheia. Ao mesmo tempo, mantê-lo ali, como obser-

vador do meu discurso, como espelho e refletor, num jogo de auto-afirmação. Mantê-lo ligado é estar interessante ou fazer-se interessante, tanto faz. Quando o estar não é possível, a mentira entra em jogo para favorecer os agentes. Ela evita a exclusão imediata de interesse, se o sujeito não pertencer a um grupo padrão: ou é velho demais, ou novo demais, ou não atende ao modelo de beleza imposto. Para se fazer ouvir, o sujeito utiliza a mentira como chave à aceitação do parceiro.

Mas essa mentira não é uma característica do discurso virtual. Após a aceitação do parceiro ou grupo, o anonimato favorece os comportamentos autênticos, talvez mais autênticos do que seríamos ao vivo e a cores. Essa nova visão dos discursos de chats foi apresentada no estudo pioneiro de Alvin Cooper, diretor do Centro San José de Sexualidade e Relações Conjugais, nos Estados Unidos. Esse pesquisador americano analisou o comportamento de 9.177 usuários que responderam a um questionário. A conclusão foi que um atrativo fundamental dos chats seria o anonimato, que permite ao usuário a sua autenticidade através da liberação de seus desejos e fantasias. Porém, é fundamental observar que essa autenticidade não representa a libertação total desses sujeitos. O anonimato não chega a atingir o imaginário de seus agentes, como se poderia supor.

Segundo a pesquisa coordenada desde 1996 pelo diretor de pós-graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, professor Sérgio Porto, desenvolvida com alunos de graduação e mestrado da universidade, não é possível essa busca pelo imaginário das pessoas na rede, que só se expressaria através do caminho simbólico. Os pesquisadores concluíram, em uma primeira

etapa, que a Internet não teria conseguido vencer essa barreira, e o imaginário da sexualidade estaria resguardado, além do confessional e da máquina, instâncias policiadas.

1 O ato de confessar e a relação de poder entre os sujeitos

As sociedades ocidentais consideraram, desde a idade média, a confissão como um dos rituais mais significativos na produção da verdade, do dizer, declarar, admitir ou atestar algo sobre si mesmo. Na confissão, o sujeito que fala é o sujeito do enunciado, envolvido em uma relação de poder com o outro. Este avalia, intervém, pune, consola, perdoa. A instância de dominação se alterna entre os sujeitos: do lado de quem fala/tecla ou do lado de quem pressiona: o que instiga, aguarda e decide. A relação de poder se dá no ato reflexivo dos enunciados, não indiferentes, nem auto-suficientes, mas uma compreensão responsiva do outro, na perspectiva de Mikhail Bakhtin, apresentada em forma de aceitação, rejeição, silêncio. É com base nessa maior ou menor influência que o locutor selecionará todos os seus recursos lingüísticos, nesse jogo pelo poder discursivo e alternância de papéis, onde o que menos importa é a dicotomia verdade x mentira.

Michel Foucault considera os discursos do confessional como os da verdade, pois, em suas formações discursivas, não haveria espaço à mentira. Para ele, interpretar a confissão é ter o poder. É ter a verdade como na consulta médica ou no discurso científico. Porém, Foucault não analisa o outro agente desses diálogos, como se a força da instituição religiosa fosse definitiva nessa relação, fazendo com que o confessor não escapasse

do emaranhado instigante de mistério e poder. A análise valoriza a concentração de força persuasiva da figura do orador católico. Ele tem o argumento de autoridade, e seu discurso é valorizado e largamente aceito.

É como se o peso do divino sobrepusesse um dos lados da relação discursiva, apesar da adoção de uma atitude responsiva ativa por parte do fiel, da sua vontade e de seu querer-dizer - mesmo que institucionalmente determinado e naturalizado em sua prática social. Ou seja, o padre, o médico e o cientista acreditam que têm a verdade, mas seu discurso pode não ser aceito pelo outro ou mesmo ignorado.

Outra característica em comum entre o discurso religioso católico dos confessionários e o discurso virtual das salas de chat é o tratamento exaustivo do sexo e da sexualidade como estimulador das falas. As expressões para denotar a sexualidade são utilizadas nas formações discursivas de forma padronizada ou exagerada, onde a criatividade é quase que inexistente. Em uma instância, o objetivo é o excesso. Na outra, apesar da presença exaustiva, a escassez.

Nos dois casos, a repetição de palavras, enunciados e expressões é constante. No espaço virtual, monossílabos do discurso pornográfico, que estimulam a outra pessoa a permanecer conectada. No religioso, intertextualidades que reorientam os seguidores a permanecerem no caminho correto, o caminho indicado pela Igreja Católica.

Perelman¹ assegura que repetir o já dito, repisar enunciados são formas de fortalecimento da idéia de presença. Para ele, a repetição constitui a técnica mais simples

¹In Orlandi, Eni P. *Palavra, fé, poder*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

para criar essa presença, fundamental às duas instâncias discursivas diferenciadas. Além desse efeito duplicador e reforçador de que fala Perelman, a constante repetição de palavras e expressões é responsável também por uma certa progressão e alargamento do sentido.

2 O novo olhar

O que se poderia acrescentar nos discursos de confessionalismo, ao longo de todos esses séculos? Quase nada. O discurso religioso católico nesse espaço de apropriar-se das ações e pensamentos sobre sexo apresenta uma característica bem peculiar, que é a quase inexistência de atualização, de mudanças. Dependendo do momento histórico, pode ser identificado como mais ou menos repressor, mas não apresenta o constante movimento característico das formações discursivas.

Essa "estabilidade- que revela o seu tradicionalismo e, muitas vezes, o abstém do contexto social do momento - é utilizada ainda como um dos pontos fortes dessa relação de poder. É o reconhecimento da importância da linguagem no aspecto social, e o quanto a mudança nos discursos pode ser fundamental para a reelaboração dos enunciados carregados de carga histórica. A mudança permitiria um novo sentido aos enunciados religiosos, através da desnaturalização dos conceitos tradicionais. Esse novo sentido, esse novo olhar é que não pode ser permitido numa formação discursiva que se mantém justamente por ser uma prática carregada de todo o mistério. Mistério que não pode ser traduzido pelos homens comuns, só pelos representantes da Igreja Católica.

Norman Fairclough, um dos principais no-

mes da escola inglesa de Análise do Discurso, orienta que a contextualização dos enunciados é fundamental para a prática discursiva, pois as falas precisam fazer parte do contexto/prática social de seus agentes. No discurso virtual, a contextualização está justamente na existência e veracidade dessa prática diferenciada. São as perguntas estimuladoras dos pares, dos amantes, o "onde você está? Quem está aí com você? O que está fazendo agora? De que forma?", que transformam essa virtualidade em uma situação mais real, mais palpável.

Na instância discursiva religiosa, a contextualização dos discursos não é fundamental. Essa formação discursiva dispensa o contexto social no qual o discurso é produzido. As análises, respostas e indicações são pré-concebidas e pouco variáveis. Como se fosse um manual em que, para cada discurso, há uma orientação característica e quase nada novo a acrescentar. Aliás, é uma instância em que o novo não é bem-vindo, que reforça o tradicionalismo como virtude.

Os enunciados dos agentes desses espaços discursivos podem contribuir para a reprodução do *status quo* ou possibilitar a transformação através das mudanças sociais, numa relação dialética entre as estruturas sociais e o discurso. A possibilidade está na atitude passiva ou não desse sujeito nos momentos que permitem ruptura. Os agentes virtuais e os religiosos mantêm uma atitude passiva em seu discurso não criativo, que é resgatado de gêneros tradicionais - pornográfico e religioso. Assim, possibilitam a manutenção dos discursos tradicionais e da reprodução social.

A escola inglesa, com a análise crítica do discurso, trabalha justamente na investigação da identidade desses indivíduos como se-

res sociais, buscando a posição dos sujeitos nas vozes do texto, procurando criticar as relações naturalizadas, desnaturalizar os processos sociais e desconstruir a relação opressora.

Para Fairclough, os sujeitos são moldados como condição para serem capazes de agir, atuando discursivamente de posições precondicionadas, mas sem a passividade tradicional dos sujeitos característica dos conceitos de Michel Pêcheux, em seu trabalho sobre o assujeitamento.² Tanto os sujeitos do discurso do confessorário, quanto dos chats, são moldados pelas formações discursivas e atuam dessas posições precondicionadas, como se não fossem agentes atuantes, mas canais de reprodução desse discurso. Nos chats, os pares aproveitam-se do espaço para falar pela boca da pornografia, fugindo do castramento institucional que o restringe, por exemplo, do ponto de vista semântico. Assim, ele sugere e indica situações que jamais faria em um outro espaço, por não parecer tão natural, naturalidade essa podada pelos discursos de repressão à sexualidade.

Nessa situação, porém, nem tudo é passividade. Podemos identificar atitude ativa própria do sujeito de Fairclough tanto na instância discursiva virtual quanto na religiosa. No discurso dos chats, a capacidade de reação, desconectando-se da rede. A possibilidade de deixar o outro teclando/falando sozinho. No discurso tradicional e conservador da Igreja, a atitude ativa do sujeito é verificada quando os conselhos sobre como não utilizar sua sexualidade - e o que não se deve fazer - acabam sendo ignorados pelos fiéis, longe do olhar observador.

²In Orlandi, Eni P. *Palavra, fé, poder*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

3 A presença feminina

Com relação às instâncias discursivas, um dos pontos de maior diferenciação entre o confessorário e o chat é a possibilidade da presença das mulheres. O confessorário é o espaço naturalizado institucionalmente: o discurso religioso católico é conhecido, através da história, como um demarcador das identidades femininas e de seus papéis sociais. Para isso, a Igreja Católica utiliza-se das conhecidas práticas cotidianas como o próprio confessorário, as pregações, as penitências. Constrói em seu discurso, durante as mais diferentes epocalidades, modelos de identidade feminina "do bem", a serem seguidos (Maria, "Santa-Mãezinha") ou exemplos de como as mulheres não devem se comportar (Eva, prostitutas da Bíblia).

Assim, o feminino têm seu espaço institucionalizado no confessorário, pois as mulheres são fundamentais no trabalho desenvolvido pela Igreja. A sua responsabilidade está justamente na manutenção da prática social, através da disseminação do discurso pregado, cobrindo os espaços e alisando as arestas existentes entre o discurso e a prática do dia a dia dos fiéis. Para isso, desenvolve sua "igreja doméstica" no lar, na base, e também difunde a doutrina religiosa em sua comunidade, trabalho fundamental para a manutenção do discurso tradicional da Igreja Católica.

Nos chats, as mulheres são quase que ausentes. Não porque a dominação das máquinas seja característica dos homens, apesar de as pesquisas na área revelarem o perfil do internauta brasileiro como homem, solteiro, com idade entre 20 e 29 anos e nível médio de escolaridade (o público encontrado nas salas de chat sobre sexo). Mas porque as

mulheres - que atualmente representam 29% do universo virtual - familiarizadas com os computadores, utilizam-no mais como uma ferramenta do que propriamente como espaço para diversão.

Outros fatores - mais psicológicos - podem explicar essa quase que ausência do feminino nos chats (muitas vezes camuflada pelos internautas, dispostos a representar essa falta). Uma das razões talvez seja porque o discurso pornográfico esteja naturalizado para os homens e não faça parte do imaginário feminino, não as atraindo à essa instância discursiva. Talvez as mulheres não se satisfaçam nesse mundo masculino de estímulos virtuais e visuais, onde as relações são efêmeras e o calor humano, ausente. Ou talvez, simplesmente, não queiram participar do jogo.

4 Referências

- Bakhtin, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- Brandão, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996
- Cooper, Alvin. in *Psicologia Profissional: Pesquisa e Prática*. EUA: Associação Norte-Americana de Psicologia, 1999
- Porto, Sérgio Dayrell (organização) *Sexo, Afeto e Era Tecnológica - Um Estudo de Chats na Internet*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília / EdUnB, 1999
- Foucault, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Editora Loyola, 1996
- Foucault, Michel. *História da Sexualidade - A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1997
- Fairclough, Norman. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992
- Fairclough, Norman. *Language and power*. London: Longman, 1989
- Fairclough, Norman. *Media discourse*. Edward Arnold, 1997
- Orlandi, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez Editora, 1988
- Orlandi, Eni Puccinelli. *Interpretação - autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. RJ: Vozes, 1996
- Orlandi, Eni Puccinelli. *Palavra, fé e poder*. Campinas, SP: Pontes, 1987
- 3ª pesquisa Cadê?/Ibope. *O perfil do internauta brasileiro*, 1999